

apenas pacientes ≥ 14 anos. Em dezembro/22, houve uma hospitalização por crise hemolítica (Hb 7 g/dL, reticulócitos 340.000 mm^3 , LDH 4833 U/L, bilirrubina indireta 3,8 mg/dL, hemoglobínúria 4+/4+). A decisão judicial sobre o fornecimento do inibidor de complemento ainda estava pendente. Em janeiro/23, o medicamento foi iniciado. Exames após 3 meses de uso: Hb 12,2 g/dL, reticulócitos 78.000 mm^3 , LDH 297 U/L. **Discussão:** HPN clássica é uma condição raríssima na faixa etária pediátrica, e seu tratamento neste grupo de pacientes traz desafios adicionais. Em adultos, as trombozes são a principal causa de mortalidade e o risco é maior com clone de granulócitos $> 50\%$, ainda que indivíduos com clones menores também tenham risco maior que a população geral. O eculizumab reduz significativamente o risco trombótico e, para pacientes com uso regular da medicação, a anticoagulação profilática primária não tem sido recomendada. Para os que não estejam em uso de eculizumab, o papel da profilaxia primária é controverso, uma vez que a anticoagulação isolada não é inteiramente efetiva. Nestes, o risco cumulativo de eventos trombóticos é de 20%–30% em 10 anos, mas em crianças, esses dados não são conhecidos. Além disso, aspectos pediátricos como o desenvolvimento do sistema de coagulação, a farmacocinética idade-dependente dos medicamentos e a possibilidade de traumatismos associados a altos níveis de atividade física devem ser considerados. Há indícios que a rivaroxabana seja efetiva e segura em adultos com HPN e alguns estudos sobre sua utilização para profilaxia de trombose venosa em crianças estão em andamento. Contudo, respostas sobre indicações e benefícios da profilaxia antitrombótica primária e qual anticoagulante utilizar em crianças com HPN permanecem incertas. **Conclusão:** Devido à raridade da condição no contexto pediátrico, as evidências sobre o manejo de crianças com HPN são escassas e restritas a relatos de casos. A decisão sobre profilaxia antitrombótica primária deve considerar os riscos de sangramento e a disponibilidade de inibidor do complemento para tratamento específico.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1019>

ELABORAÇÃO E VALIDAÇÃO DE VÍDEO EDUCATIVO PARA O AUTOCUIDADO DE CRIANÇAS ESCOLARES COM ANEMIA FALCIFORME

RC Santana^{a,b}, LF Silva^a

^a Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

^b Hemocentro de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

Objetivo: Construir vídeo ou vídeos educativos sobre autocuidado de crianças escolares com anemia falciforme; Identificar temas para a elaboração de vídeo educativo voltado ao autocuidado de crianças escolares com anemia falciforme; Buscar evidências científicas para fundamentar a elaboração de vídeo educativo voltado ao autocuidado de crianças escolares com anemia falciforme; Elaborar vídeo educativo voltado ao autocuidado de crianças escolares com anemia falciforme;

Validar vídeo educativo voltado ao autocuidado de crianças escolares com anemia falciforme com juízes. **Método:** A pesquisa será metodológica e deverá ser realizada em 7 etapas: 1ª Etapa: Busca dos temas através de entrevista com crianças escolares com anemia falciforme; 2ª Etapa: Estudo teórico para fundamentação do vídeo; 3ª Etapa: Desenvolvimento do vídeo educativo; 4ª Etapa: Validação do vídeo educativo com juízes-especialistas; 5ª Etapa: Adequação do material educativo; 6ª Etapa: Validação do vídeo educativo junto às crianças escolares com anemia falciforme 7º: adequação final do vídeo educativo. A pesquisa deverá ser, primeiramente, aprovada pelos Comitês de Ética para estudos com seres humanos das instituições envolvidas com o estudo. **Resultados esperados:** Através da pesquisa deverá ser criada uma tecnologia que auxilie a criança a entender sua doença e melhorar seu autocuidado diário. **Discussão:** Esta pesquisa está ligada ao projeto para o Mestrado Profissional da Universidade Federal Fluminense. Por este estudo, pretendo enfatizar, que o mais importante para que a criança consiga realizar os cuidados diários que devem ter com a anemia falciforme é a compreensão da doença. A ideia do vídeo educativo foi o meio mais lúdico e eficaz para auxiliar as crianças a compreender a doença e com isso se cuidar mais e de forma correta. Criar um vídeo educativo não será apenas uma forma de auxiliar a criança, mas também seu cuidador e poderá ser utilizado em congressos, escolas e creches, além de poder ser difundido para outros Hemocentros do país. Além disso, a utilização dos vídeos educativos pode ser utilizados não somente nas consultas, mas também ficar disponível em celulares, plataformas online e redes sociais para ajudar a conectar pacientes e disseminar informações. **Conclusão:** A pesquisa que será desenvolvida terá o intuito de demonstrar como a criança consegue assimilar o autocuidado desde cedo, para que ela mesma consiga evitar as crises de dor ou complicações relacionadas com a anemia falciforme. A criança é a pessoa que sente os sintomas da doença e mesmo ela tendo um cuidador que as auxilie, deve partir dela seus cuidados. Assim sendo, é preciso que o serviço de saúde, onde a criança faz acompanhamento, crie mecanismos educacionais que ajudem a criança a compreender a doença e com isso absorvam o cuidado diário. Para isso será criado um vídeo educativo, pois as tecnologias educativas podem ajudar as crianças a se tornarem adolescentes mais conscientes e adultos que sabem lidar com a doença e propagar conhecimento.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1020>

PERFIL CLÍNICO DE PACIENTES PEDIÁTRICOS DIAGNOSTICADOS COM LINFOMA DE HODGKIN NO BRASIL: SÉRIE TEMPORAL DE 2019 A 2023

HA Castralli, PK Reis, PP Poletto, EJ Reis, RT Ferreira, MES Moreira

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil

Introdução: Na população infantil, o Linfoma de Hodgkin (LH) corresponde a cerca de 5% de todos os casos de câncer.

Apresenta aspectos epidemiológicos, clínicos e patológicos característicos de acordo com a área geográfica, principalmente conforme o nível socioeconômico de um determinado país. **Objetivos:** Estabelecer o perfil clínico ao diagnóstico de LH de crianças e adolescentes brasileiros, no período de 2019 a 2023. **Material e métodos:** Estudo transversal, realizado com base em dados epidemiológicos do DATASUS, seção Painel Oncologia, sobre o diagnóstico de Linfoma de Hodgkin (identificado como “Doença de Hodgkin” nessa plataforma) em pacientes pediátricos, período de abrangência de 2019 a 2023. Para fins estatísticos, os casos foram divididos conforme a faixa etária, quais sejam: menores de 1 ano, entre 1 e 4 anos, entre 5 e 9 anos, entre 10 e 14 anos e entre 15 e 18 anos. **Resultados:** No período analisado, foram registrados 1590 diagnósticos de LH na população pediátrica, majoritariamente feitos em indivíduos do sexo masculino (60,9%). Com relação à distribuição geográfica dos casos de LH no Brasil, observou-se que 39,7% foram no Sudeste, 26,3% no nordeste, 16,7% no sul, 9,3% no norte e 8% no centro-oeste. Quanto à idade do paciente ao diagnóstico, 46,5% tinham entre 15 e 18 anos, 32% entre 10 e 14 anos, 17,9% entre 5 e 9 anos, 3% entre 1 e 4 anos e 0,6% menos de 1 ano ($n = 10$). Tratando-se do estadiamento, observou-se que 19,6% foram alocados no Grupo 0, 12,1% no Grupo 1, 17,4% no Grupo 2, 18,4% no Grupo 3, 15% no Grupo 4 e 17,5% tiveram essa informação ignorada ou foram classificados como “não se aplica”. Dentre as modalidades terapêuticas aplicadas, 78% foram submetidos à quimioterapia, 6,7% à cirurgia e 4,4% à radioterapia. Apenas 1 caso foi submetido às formas de tratamento combinadas e 172 (10,8%) não dispunham de informação a respeito do tratamento. **Discussão:** Na amostra considerada, a idade média ao diagnóstico de LH foi de 13 anos, com predomínio do sexo masculino, semelhantemente ao que é reportado em outros trabalhos. No âmbito de estadiamento, o sistema mais utilizado para descrever a extensão do LH é a classificação Lugano, baseada no antigo sistema Ann Arbor, sendo os estágios descritos por números romanos de I a IV. Neste estudo, observou-se discrepância nos dados do DATASUS, considerando-se a existência do grupo “0”, o qual concentrou o maior número de registros, seguido dos estágios 3 e 4, que correspondem a doença avançada ou extensa. Quanto ao tratamento, a quimioterapia e a radioterapia representam as principais abordagens terapêuticas dos pacientes com LH clássico. Em nossa revisão de dados, a quimioterapia foi realizada por mais da metade dos pacientes, entretanto, um número expressivo necessitou de intervenção cirúrgica. **Conclusão:** Registros de base populacional são relevantes para a monitorização de mudanças no impacto da doença e da qualidade da assistência prestada. A escassez de dados existentes na literatura que ilustrassem o comportamento do LH nas crianças e adolescentes do nosso país encorajou a realização deste estudo, com o intuito de descrever as características clínicas e epidemiológicas dos pacientes pediátricos brasileiros com LH, avaliar sua sobrevida e buscar possível associação prognóstica. A otimização dos registros clínicos nas plataformas de dados nacionais faz-

se necessária a fim de que se possa obter a devida interpretação do panorama do LH na população infantil.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1021>

ENOS RS1799983 POLYMORPHISM IS ASSOCIATED WITH PERSISTENT ALBUMINURIA IN CHILDREN AND ADOLESCENTS WITH SICKLE CELL ANEMIA

AR Belisário^{a,b}, JA Almeida^b, ACSE Silva^b

^a Centro de Tecidos Biológicos de Minas Gerais, Fundação Hemominas, Belo Horizonte, MG, Brazil

^b Laboratório Interdisciplinar de Investigação Médica, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brazil

Aim: Albuminuria is associated with morbidity and early mortality in individuals with Sickle Cell Anemia (SCA). However, albuminuria is often intermittent in children with SCA. Children at the highest risk of Chronic Kidney Disease (CKD) cannot be identified prior to the appearance of irreversible albuminuria and the physiopathology is not well understood. Endothelial Nitric Oxide Synthase gene (eNOS) polymorphisms have been associated with the synthesis of variable quantities of Nitric Oxide (NO) and may influence the risk of sickle cell nephropathy. This study aimed to evaluate the association between persistent albuminuria and the rs1799983 and rs2070744 polymorphisms in a population of children and adolescents with SCA from Minas Gerais, Brazil. **Methods:** We recruited steady-state participants at Fundação Hemominas outpatient clinic with SCA. Random-spot urine specimens were collected during routine visits. Albuminuria was defined as urine albumin/creatinine ratio > 30 mg/g. Participants were prospectively categorized by the presence or absence of albuminuria at baseline and at the follow-up urine test. Those with albuminuria at baseline and at the follow-up urine test were considered to have persistent albuminuria. Steady-state laboratory data were obtained from medical records. Genotyping of rs1799983 and rs2070744 polymorphisms was performed by qPCR. **Results:** The 355 participants evaluated in this study were between 1.6 and 20.2 years of age at the baseline (10.5 ± 4.6) and 186 (52.4%) were males. The mean follow-up period was 2.5 years ($SD = 1.2$; range 6m–6.2y), providing 874 patient-years. At the baseline, 263 (74.1%) participants were receiving intensification therapy (hydroxyurea, chronic blood transfusion, or both). Fifth-three (14.9%) presented persistent albuminuria. The odds of persistent albuminuria was higher in children and adolescents who had the GT or TT genotype ($n = 28/136$; 20.6%) of the rs1799983 polymorphism when compared to those with the GG genotype ($n = 25/219$; 11.4%) ($OR = 2.0$, 95% CI 1.1–3.6; $p = 0.022$). The cumulative incidence of persistent albuminuria for the GG group was 23.8% ($SE = 6.0\%$), while that for the GT or TT group